



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

SILVIA CAROLINE SANTOS MEDEIROS

RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II

GUARABIRA - PB

2012

SILVIA CAROLINE SANTOS MEDEIROS

RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus de Guarabira, cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: MsC. Flávio Carreiro de Santana

GUARABIRA - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

M488r

Medeiros, Silvia Caroline Santos

Relatório de estágio supervisionado obrigatório II /
Silvia Caroline Santos Medeiros. – Guarabira: UEPB,
2012.

23f.:il.;Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Ms. Flávio Carreiro de Santana.

1. Estágio Supervisionado 2. Prática Docente
3. História - Ensino I. Título

CDD.22.ed. 371.12

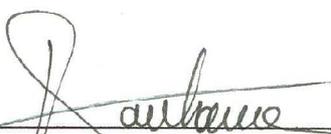
SILVIA CAROLINE SANTOS MEDEIROS

RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II

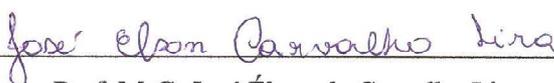
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – *campus* III, para obtenção do grau de licenciado em História.

Aprovado em 01 / 12 / 2012

BANCA EXAMINADORA



Prof. MsC. Flávio Carreiro de Santana



Prof. MsC. José Elson de Carvalho Lira



Prof. MsC. Luciana Calissi

RESUMO

O presente trabalho refere-se ao Relatório do estágio supervisionado obrigatório II, sendo realizado como trabalho de conclusão de curso para a obtenção do grau de licenciado em História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. A partir deste relatório, objetiva-se evidenciar a importância do estágio nos cursos de licenciatura, refletindo em torno das experiências vividas durante o período de regência da disciplina do ESO II. Enfatiza-se a importância do estudo do local nas aulas de História, tendo em vista que as aulas ministradas durante a regência foram em torno da História da Paraíba. No entanto, este trabalho reflete em torno da prática docente, em especial da prática do ensino de História, entendendo a relação indissociável dos conhecimentos específicos e dos conhecimentos teóricos com relação a prática. Faz - se ainda uma discussão em torno das novas tendências historiográficas e sua articulação com a educação brasileira, tendo em vista que os Parâmetros Curriculares Nacionais, para o ensino de História, traduz uma aproximação com a nova história. Provocando com isso, uma mudança no perfil do professor e também inovando as propostas para o ensino dos conhecimentos históricos. Nesse sentido, há uma análise em torno do cidadão que a história busca formar diante de uma sociedade moderna, formada por diversidades culturais e inúmeras identidades.

PALAVRAS – CHAVE: Estágio supervisionado. Prática docente. Ensino de História.

ABSTRACT

The present work refers to the Report of mandatory supervised II, being held as course work to obtain a degree in History from the State University of Paraiba – Campus III. From this report we aim to highlight the importance of the undergraduate stage, reflecting on the experiences lived during the regency of discipline ESO II. Emphasizes the importance of the study site in the lessons of story, considering that the lessons taught during the regency were around the History of Paraiba. However, this work reflects around the teaching practice, especially the practice of teaching story, understanding the inseparable relationship of expertise and theoretical knowledge regarding the practice. It – is still a discussion around new historiographical trends and its articulation with the Brazilian education, given that the National Curriculum for history teaching reflects a new approach to story. Thereby causing a change in the profile of the teacher and also innovating proposals for the teaching of historical knowledge. In this sense, there is an analysis around the citizen who seeks to form before the story of a modern society, comprising many cultural diversities and identities.

KEY WORDS: Supervised training. Teaching practice. Teaching of History.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. REFERENCIAL TEÓRICO	08
2.1 A importância do estágio no curso de licenciatura em História	08
2.2 A Regência	11
2.2.1 A Escola	12
2.2.2 Relatos das experiências	13
2.3 A importância do estudo local nas aulas de História	18
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22
APÊNDICES	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, primeiramente objetiva evidenciar a disciplina curricular de Estágio Supervisionado Obrigatório nos cursos de licenciatura, em especial no curso de História. Tem por base a descrição das atividades de regência desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado II, do curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual da Paraíba, sendo a disciplina ministrada pelo professor Flávio Carreiro Santana.

O estágio ocorreu no Centro Educacional Osmar de Aquino, no período de dez de outubro a sete de novembro, no município de Guarabira, com a turma do 1º ano “E”, noite, do curso de Magistério, sendo o professor regente, José Damásio Ferreira Alves Junior.

Tendo como fio condutor as experiências vividas por uma aluna concluinte do curso de licenciatura em História, este trabalho também apresenta uma reflexão sobre a formação docente e a identidade profissional assumida pelo aluno (a) diante da prática oferecida pela disciplina, citando o estágio como um instrumento importante para que essa identidade seja percebida como um processo contínuo durante toda sua vida profissional.

O Estágio não é apenas uma obrigatoriedade nos cursos de licenciatura, mas sim, um momento em que o aluno poderá desenvolver estratégias para unir as suas principais ferramentas de trabalho como futuro professor, a teoria e a prática. A teoria aprendida durante todo o curso será colocada em prática, diante da oportunidade proporcionada em condições reais de trabalho. Tendo como referência a realidade da escola e dos alunos que farão parte do estágio e contribuirão de forma efetiva para elaboração dele.

Ao transitar do lugar de aluno para o lugar do professor o estagiário de licenciatura constatará as complexidades que formam o cotidiano de uma sala de aula. Sendo, contudo, um momento de reflexão diante do que foi discutido na academia relacionada à teoria da prática de ensino. Pensando assim, o aluno poderá investigar, durante seu estágio, como a teoria tem sido ensinada, e qual postura ele deverá tomar enquanto futuro professor, sabendo que o professor deverá estar sempre articulado com as mudanças sociais e tecnológicas. Daí, a sua identidade docente, que terá que ser sempre contínua.

A partir do relato das experiências no período de regência, as práticas de ensino serão discutidas em torno das novas tendências historiográficas, e baseada nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de História.

A Nova História propõe diferentes versões para os fatos, e não se preocupa apenas em narrar os momentos políticos, enaltecendo nomes e silenciando fatos. Essa nova tendência historiográfica preocupa-se em relatar e investigar a partir de novas metodologias, o cotidiano das baixas camadas populares, como também a história da morte, da loucura, das classes sociais, enfim, abre caminhos para novas versões que por vezes contradizem o que já foi imposto como verdade.

Diante dessa nova perspectiva, será abordado o tema sobre a História local referente a aula, tendo em vista que durante o estágio, no período de regência, o tema abordado foi a História da Paraíba. Com isso, a partir de autores que trabalham com essa temática e ciente das propostas dos PCNS a respeito do tema, será refletido a importância do estudo do local nas aulas de história.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

O Estágio Supervisionado Obrigatório nos cursos de licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (nº 9394/96), a fim de proporcionar ao futuro (a) docente a prática de ensino exercida em situações reais de trabalho. Logo, independente da exigência, o estágio torna-se se um instrumento de suma importância para a formação acadêmica do aluno que pretende assumir a profissão de professor, em especial para o (a) futuro (a) profissional licenciado em História.

Como aluna concluinte do curso de licenciatura em história, considero uma das problemáticas diante do curso, o fato de muitos professores (as) e alunos (as), tender a evidenciar o conhecimento teórico e subestimar a prática pedagógica, ou vice e versa. O curso de licenciatura em história requer muita leitura específica do aluno (a), e por vezes, adquire um caráter fortemente “conteudista”, contudo, a disciplina de Prática de ensino renova o pensamento discente limitado apenas aos conteúdos específicos e apreende conhecimentos teóricos que tem como referência a prática, a fim de contribuir para a formação de um futuro professor que ciente disso, desenvolverá uma identidade docente e encontrará em meios as teorias o respaldo para a transmissão dos seus conhecimentos específicos. Portanto, um conhecimento depende fundamentalmente do outro. Sendo assim, é importante que o futuro professor de história encare o estágio como um momento em que ele poderá aliar a teoria à prática, e isso deverá ser feito com competência e muita dedicação.

O domínio dos conhecimentos históricos a ensinar pelo professor não é condição suficiente para garantir a aprendizagem dos alunos [...], ninguém ensina, qualificadamente, um conteúdo cujos fundamentos e relações desconhecem, também é possível supor que a aprendizagem poderá ficar menos qualificada, se o professor desconsiderar os pressupostos e os mecanismos com que os alunos contam para aprender e os contextos sociais em que estas aprendizagens se inserem. (CAIMI, 2006, p.21).

Durante a disciplina de estágio o aluno já poderá construir diante do seu pensamento teórico, novas estratégias para solucionar problemas, que só na prática ele saberá que existe. Obtendo com essa experiência uma pequena base da realidade do cotidiano da sala de aula e construindo a sua postura diante da transição de aluno para professor.

Não há dúvidas de que o estágio contribui para a construção e o fortalecimento da identidade docente. Essa identidade que falo, trata-se da postura que o aluno assumirá diante da sua profissão de professor. É certo, que desde o início do curso de licenciatura, a identidade docente deverá começar a ser construída. Contudo, é durante o estágio supervisionado que o aluno assume essa identidade e a percebe, assumindo seu próprio lugar pedagógico diante do desenvolvimento da relação entre a teoria e a prática. Entendendo que sua formação será contínua ao longo da sua vida profissional. Diante disso, é importante salientar que a identidade docente, é algo mais amplo e bem complexo, contudo, diante do que venho mencionar, refiro-me a identidade docente neste contexto, fazendo referência a própria postura docente diante da complexidade da sala de aula.

O Estágio como campo de conhecimentos e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente. (PIMENTA E LIMA, 2010, p. 61).

Nesse contexto, o estagiário não deve apenas adotar uma única visão da realidade de ensino, limitada à sala de aula, pois, os alunos mudam, não são imutáveis. O estágio deve ser entendido como uma aproximação da realidade a atividade prática, construindo novas experiências que à luz de teorias deverão ser analisadas e questionadas: *“O estágio ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente entendida esta como atividade de transformação da realidade”* (Ibid., p. 45).

De certo modo, a ideia que o aluno tem com relação ao que vem a ser o estágio influenciará nesse processo da identidade profissional. Daí, a importância que deve ser dada a esse processo que traduz a realidade cotidiana e a complexidade da sua futura área profissional.

Diante da importância da disciplina curricular Estágio Supervisionado Obrigatório II, foi ministrado pelo professor Flávio Carreiro Santana, durante as aulas, várias discussões relacionadas à teoria e a prática no ensino de história, abrindo um leque de opiniões pelos alunos concluintes. Foi realmente o momento em que pudemos refletir e discutir sobre as práticas de ensino que nós mesmos observamos nas escolas da nossa cidade, ou na escola do nosso sobrinho ou até mesmo na escola que estudávamos. Debates com exemplos trazidos do nosso cotidiano e procuramos confrontar esses problemas diante da prática que iremos

exercer como professores. Sugerido pelo professor Flavio foi trabalhado o livro “*História e Didática*” da coleção Como bem ensinar, que propõe uma boa prática diante dos conteúdos específicos que foram aprendidos ao longo do curso.

Chamo a atenção para segundo capítulo do livro, “*Como o Cérebro humano aprende*”, é interessante, pois mostra como o cérebro capta milhares de informações, filtrando e descartando as que são consideradas relevantes. No caso dos alunos, cabe ao professor fazer com que determinada informação não seja retida pelo cérebro do aluno e sim, considerada uma informação significativa fazendo acontecer o processo de aprendizagem. “*Dessa maneira um ensino eficiente acontece mais ou menos como se pudéssemos “seduzir” esses filtros, levando-os a deixar passar as aprendizagens que queremos*” (História e Didática, 2010, p.16).

Continuando o raciocínio, no terceiro capítulo intitulado por “*Como o cérebro aprende História*”, há uma discussão sobre a maneira com que o professor de história transmite seu conhecimento histórico. O texto fala que o aluno poderá até perceber as informações que o professor estará lhe repassando, contudo, a aprendizagem só acontecerá quando houver um confronto entre o conhecimento já conhecido e as novas maneiras de perceber esse conhecimento, portanto, o professor poderá até informar, contudo, “*só ensina se souber transformar a informação em conhecimento que transforma o aluno*” (Ibid., p.18).

Diante da leitura desses capítulos é fácil perceber o quanto é importante a metodologia usada pelo profissional da educação no processo de aprendizagem, pois o professor ajuda o aluno a aprender, ao mostrar novas possibilidades diante de um texto que o aluno já conhece. “[...] *no bom ensino de história é essencial que o aluno transforme as informações que ouve em conhecimento, ajudado pelo professor para perceber todo o significado e amplitude das informações*” (Ibid., p.22).

E foi diante de tantas discussões e reflexões em torno da prática docente que passamos para as atividades da regência.

Para que pudéssemos estagiar o professor Flávio Carreiro se dirigiu a algumas escolas do município de Guarabira, a fim de que professores regentes concordassem com o nosso estágio, compreendendo sua importância, e cedendo suas salas para que as atividades de regência pudessem acontecer. Esse foi um momento de muitas dificuldades, por se tratar de um ano político, como também da indisponibilidade de professores para cederem suas salas

para o estágio e do número de alunos que precisavam estagiar. O que nos faz pensar na própria regularidade do ESO proposto pela universidade, uma vez que concentra os estagiários apenas para atuarem na cidade sede do curso, podendo ser mais facilmente desenvolvido pelos alunos em destinos diferente de Guarabira. Contudo, em fim, foram designadas às escolas e salas de estágio.

2.2 A REGÊNCIA

O período da regência não deve ser vista apenas como uma obrigatoriedade durante o Estágio Supervisionado, e mesmo diante das dificuldades para desenvolver essa etapa da disciplina, a regência deve ser encarada pelos futuros docentes como uma oportunidade impar e de extrema importância para pôr em prática o que foi aprendido ao longo do curso, a partir de teorias que fundamentam a prática de ensino. Será nesse momento, que o aluno assumirá o papel de professor e encontrará meios metodológicos para conduzir a sua aula. Também, descobrirá que seu planejamento, por vezes, servirá apenas como referência para sua aula, tendo em vista as surpresas e instabilidades da sala de aula que o professor nunca poderá planejar. Contudo, é nesse momento que o futuro profissional começará a assumir sua identidade docente, sua postura diante da sua profissão e do seu objeto de trabalho, não esquecendo que a formação docente é contínua, e necessita uma adequação constante, visando um bom trabalho.

Apesar das problemáticas que envolvem a profissão do professor, não se pode duvidar da importância desse profissional para a sociedade. Como também, não se pode imaginar o poder da sua influência. O professor tem a possibilidade e provocar mudanças na sociedade através das pessoas, basta só que ele nunca desista de propagar atitudes que contribuam para a essas melhorias a partir da educação.

Nesse sentido, foi com muito entusiasmo que recebi o nome do colégio para a realização da minha regência, o Centro Educacional Osmar de Aquino. A turma cedida foi o 1º ano “E” do curso de magistério no período da noite. O estágio só pôde acontecer após as eleições, a pedido do professor regente Damásio Ferreira.

2.2.1 A ESCOLA

O CEOA - Centro Educacional Osmar de Aquino, está localizado num bairro considerado de fácil acesso, na Rua Luís José de Oliveira, 215, no Bairro novo, Zona Urbana de Guarabira/PB, cidade pólo da educação da Região do Brejo.

O bairro onde o colégio está situado é asfaltado, tem boa iluminação, com boa movimentação e residências com boas estruturas estéticas. O Centro Educacional Osmar de Aquino apresenta uma área consideravelmente boa, quando equiparada com as demais escolas públicas da zona urbana deste município.

No que diz respeito às dependências escolares, o colégio possui uma diretoria, uma sala de professores, uma biblioteca, doze salas de aula climatizadas, sendo onze em funcionamento, uma cantina com refeitório, uma quadra de esportes, um auditório, sala de vídeo e vinte banheiros (em anexos).

O colégio atende em média um total de 1.300 alunos distribuídos em três turnos, a maioria do sexo feminino. Pela manhã, funcionam as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. À tarde, também funcionam turmas do 6º ao 9º ano, com o acréscimo das turmas do Magistério. E durante a noite, horário em que ocorreu a regência, funciona apenas o Magistério. A maioria dos alunos são guarabirenses, porém, o colégio conta com um número razoável de alunos de cidades circunvizinhas.

Segundo a direção da escola, há uma boa articulação com os pais dos alunos, como também há uma parceria com a secretaria da educação.

Quanto ao quadro de funcionários, o colégio dispõe de um supervisor, quarenta e sete professores, três assistentes de direção, um secretário, duas merendeiras, seis serventes de limpeza, dois vigilantes.

Existe planejamento coletivo e há projetos na escola como, elaboração de gincanas, feiras de ciências, semanas pedagógicas e olimpíadas. Contudo, não há assistência ou apoio psicológico, como também nenhuma assistência médica ou jurídica. Também, não há grêmios estudantis para uma articulação entre os alunos e diretores.

Logo ao entrar no colégio, me deparei com uma rampa que me deu a impressão de que o colégio está apto a receber pessoas portadoras de algum tipo de deficiência física,

contudo, na parte interna do colégio não há banheiros adaptados e nem rampas nas entradas das salas.

2.2.2 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS

Fui à escola no dia dez de Outubro (quarta-feira) e tive meu segundo contato com o professor regente, Damásio Ferreira, pois no ESO I também havia estagiado em uma sala de aula dele. Mais uma vez ele foi muito receptivo, me apresentou a turma que estaria comigo durante meu estágio, e pediu que eu ministrasse aulas sobre a história da Paraíba. Fiquei especialmente feliz com o pedido, pois a história da Paraíba traduz a minha realidade e a realidade dos alunos e serei uma futura professora de história que acredita numa aula que aproxima o aluno do conhecimento histórico, a Paraíba trata-se do contexto local dos alunos, já conseguia prever aulas com discussões interessantes.

O professor Damásio Ferreira me enviou por e-mail os conteúdos que eu deveria trabalhar nas minhas aulas (em anexos). E já me preveniu sobre problemas de evasão escolar que vem acontecendo na escola. Com relação aos conteúdos solicitados pelo professor, diante da minha interpretação considerei extremamente sintetizados, com um teor unicamente informativo. Contudo, o professor permitiu que diante dos conteúdos, eu fizesse as discussões que eu achasse importante e necessário. Tendo com essa atitude, uma postura aberta com relação a novas metodologias e novas versões diante do conhecimento histórico.

No entanto, sabendo dos conteúdos que eu teria que trabalhar durante as aulas sobre a história da Paraíba, que seria desde a sua ocupação, considerando a população indígena e sua relação com os colonizadores, as ordens religiosas, o povoado de Nossa Senhora das Neves, e os seus primeiros governantes. Para tanto, antes de planejar minhas aulas fiz uma leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de História e também li textos de alguns autores que falavam da importância do estudo do local nas aulas de história.

O professor sugeriu que eu iniciasse a aula sobre a ocupação da Paraíba, contudo, como o mesmo havia me dado a liberdade para trabalhar os conteúdos a partir das minhas perspectivas, não planejei a aula iniciando com esse conteúdo de imediato. Planejei minha primeira aula com o intuito de fazer uma “Desconstrução histórica com relação aos preconceitos que existem em torno do povo paraibano”. Até mesmo pra conhecer a turma, e o

que eles pensavam em torno do lugar que eles vivem, construindo uma discussão de certa forma leve e descontraída, em torno de um assunto que envolve uma problemática tão marcante em torno do Estado paraibano, o preconceito contra o nosso povo, que acaba acarretando, de certa forma, uma exclusão social, diante dos outros estados brasileiros. Exibindo imagens em slides, de alguns municípios da Paraíba que de alguma forma expressam as belezas paraibanas, usando o data show da escola.

Nessa perspectiva e com meu plano de aula em mãos, no dia dezessete de outubro, foi realizada a primeira atividade de regência, na sala do 1º “E” do Magistério, contava apenas seis alunas. Nesse momento, me deparei com o problema já mencionado pelo professor com relação à evasão escolar.

Apresentei-me e escrevi na lousa o título da minha primeira aula: “UMA DESCONSTRUÇÃO HISTÓRICA DOS PRECONCEITOS CONTRA A PARAÍBA”, a turma aparentava curiosidade. Eram apenas seis mulheres na sala, de início me preocupei, pois apesar de saber do problema da evasão, são matriculados na turma dezenove alunos entre homens e mulheres, mas não planejei ministrar a aula apenas com seis alunas. Contudo, tive que assumir o papel de uma professora e entender desde já, com essa experiência que o plano de aula é elaborado, mas às vezes não é totalmente executado, diante das imprevisibilidades do contexto escolar.

Então, inspirada no desejo de ser uma boa profissional da educação, comecei a aula narrando situações de preconceitos contra os paraibanos, até mesmo situações de preconceitos vividos por mim, num período que vivi fora da Paraíba, no Rio de Janeiro. Depois disso, perguntei o porquê que as alunas achavam que existia tanto preconceito contra a Paraíba. Elas, timidamente falaram baixo, entre outras hipóteses, que era devido à seca que existe em toda a região nordeste. A partir dessa resposta, mostrei uma imagem na tela de um computador, pois o data show não estava disponível naquele dia. Foi outra maneira que encontrei de seguir com a proposta da minha aula, pois, eu não contava com a falta do equipamento. Exibi a imagem do município de Boqueirão (em anexos) considerado, por alguns paraibanos, a cidade das águas. Como também, o Sertão da Paraíba em tempos de chuva (em anexos). Então, perguntei para a turma se a Paraíba era totalmente seca. Essa pergunta deu abertura para uma discussão interessante. Pois tentamos construir o estado da Paraíba a partir de suas belezas naturais e da sua cultura rica de ritmo e de fascínios. A turma relatou momentos em que sofreram preconceito fora do estado por serem nordestinas e

procuraram entender a mensagem que eu queria passar naquela noite, de que a imagem da Paraíba foi construída baseada em preconceitos e estereótipos que nem sempre traduziram a nossa realidade, estereótipos que ainda hoje são repassados através da mídia, principalmente, causando transtornos ao nosso povo. Houve ainda, a exibição de fotos de alguns municípios paraibanos como: Sousa, Alagoa Grande, Campina Grande, Cabaceiras (em anexos), que comprovam, um pouco, das belezas do nosso estado como também sua cultura que transita pelo Brasil inteiro. Também, durante nossa reflexão diante do tema, uma aluna lançou a idéia de que o povo paraibano não era forte apenas para enfrentar a seca, mas também para enfrentar problemas de preconceitos ao longo dos anos, construindo estratégias para a sobrevivência numa sociedade, por vezes, tão excludente. Nesse momento, pude constatar que elas, pelo menos algumas delas estavam compreendendo a minha mensagem.

Fiz também um diálogo, com relação ao conhecimento prévio das alunas. Para com isso eu perceber o que elas já sabiam com relação à História da Paraíba. Foi um momento em que diagnostiquei a aprendizagem da turma, com relação ao tema da aula.

Apesar dos imprevistos com relação aos recursos didáticos e do susto ao me deparar com apenas seis alunas na sala, foi uma aula muito interessante, consegui envolver as alunas, assim como também o professor regente presente, que discutiu sobre o assunto e também narrou experiências da sua própria vida com relação ao preconceito contra os paraibanos. Foi uma boa aula e muito gratificante para mim, fizemos uma ótima discussão em torno do tema proposto. As seis alunas permaneceram na sala até o fim da aula. Alcancei meu objetivo inicial, consegui conhecer um pouco da turma a partir das nossas conversas, compreendendo a visão que elas tinham sobre a Paraíba, como também deixei com que elas também me conhecessem.

Utilizei como recursos didáticos a lousa, Xerox com texto e computador para a exibição de imagens. A aula foi expositiva e dialogada, a todo instante procurei manter o diálogo com a turma com o intuito de fazê-las participarem da aula. Como o data show não estava disponível passou de carteira em carteira o computador para que elas tivessem melhor acesso as imagens.

Para a segunda aula, planejei dando início, de fato, aos conteúdos sugeridos pelo professor: **Origem da Paraíba, e O povoado de Nossa Senhora das Neves**. Dessa vez, planejei uma aula de caráter expositiva e dialogada a partir das leituras dos conteúdos. Ciente de que durante os diálogos eu deveria transportar o aluno para a sua própria realidade,

fazendo uma relação de um passado paraibano com o presente dos alunos. E esse presente seria a realidade deles, com o intuito de aproximá-los do conhecimento histórico.

Com isso, no dia vinte e quatro de outubro, entrei na sala e me deparei novamente com o mesmo número de alunas, seis alunas. Contudo, iniciei o estudo sobre a história da Paraíba. Usando os conteúdos planejados, **A Origem da Paraíba e O povoado de Nossa senhora das Neves**. Durante as leituras conjuntas dos textos, tentei transportar a história que eu estava contando sobre a Paraíba para a nossa realidade citando os lugares habitados pelos índios e percorridos pelos colonizadores, que hoje são cidades conhecidas e próximas a nós, fiz isso sempre dialogando com a turma e com o professor regente, novamente presente na aula.

O professor mais uma vez participou ativamente da exposição oral. As alunas participaram pouco, porém se mostraram interessadas. Durante essa aula segui meu plano e acredito ter alcançado meu objetivo ministrando uma aula sobre a história do passado da Paraíba e transportando-a para a minha realidade e para a realidade da turma, apesar de não ter conseguido construir uma discussão tão interessante como a da aula passada, foi uma aula consideravelmente boa e construtiva, diante da minha interpretação. A turma mais uma vez não evadiu a aula.

Os recursos utilizados foram a lousa e Xerox com os textos dos conteúdos.

No dia trinta e um de outubro não pude comparecer ao estágio por motivos particulares (o professor Flávio e o professor Damásio foram avisados com antecedência). E planejei aula apenas para o dia sete de novembro.

Para a minha última aula, planejei dar continuidade aos conteúdos propostos pelo professor regente. Os conteúdos eram respectivamente, **Os primeiros capitães-mores, As Ordens religiosas e A população Indígena**. Para essa aula, planejei uma leitura conjunta dos conteúdos, e com isso novamente objetivava construir diálogos a respeito dos conteúdos. Para transitar com a história que eu iria contar para a nossa realidade, busquei na internet imagens dos índios que ainda hoje vivem em aldeias, em uma cidade próxima a Guarabira, na Bahia da Traição. Planejei o uso do data show, a fim de deixar a aula mais atrativa. Pretendia com isso, refletir sobre a cultura indígena e sua resistência até os dias atuais. Para próximo de terminar a aula, preparei uma atividade simples de reflexão sobre a importância de estudar a história e especificamente estudar a história da Paraíba.

Foi com esse objetivo que no dia sete de novembro, cheguei à escola e entrei na sala do 1º “E”. Dessa vez tive uma surpresa, havia mais uma aluna sala. Nesta aula eram sete alunas. Então, segui o que havia planejado, prossegui com o estudo sobre a história da Paraíba. Trabalhei com os conteúdos: **Primeiros capitães – mores, As ordens religiosas e A população indígena.** Após uma exposição oral sobre os conteúdos, fiz uma leitura dos textos em conjunto. Após alguns contratempos, pois o data show novamente não pode ser usado. Nós fizemos uma breve discussão sobre os índios que ainda hoje vivem na Paraíba. Isso, com o intuito mesmo da aproximação do conhecimento a nossa realidade. Falamos sobre os potiguaras que vive no município da Bahia da Traição, um município próximo a Guarabira, que quase todos da turma já haviam visitado. Mostrei através de um computador, novamente a imagem recente dos índios na aldeia São Francisco na Bahia da Traição (em anexos). E refletimos um pouco sobre a cultura indígena, em especial a cultura dos índios da Bahia da Traição, e sua resistência até os dias atuais. Mencionamos as estratégias de sobrevivência citadas por uma aluna no primeiro dia de aula da regência. Onde a partir dessa resistência dos índios paraibanos já podemos enfatizar a força do povo paraibano, em especial, a cultura indígena. Antes de finalizar, evidenciei a importância de compreender a história da Paraíba, como também, a história dos próprios municípios de cada um da turma. Para assim, eles entenderem a história a partir do seu próprio contexto local, tendo em vista a história política, religiosa, social e cultural. Por fim, apliquei uma simples atividade de reflexão para eu poder avaliar a compreensão deles diante da importância de se estudar a história da Paraíba.

A atividade foi elaborada na sala de aula e entregue faltando quinze minutos para o final da aula. Diante das leituras dos textos das alunas, constatei que houve uma pequena compressão a respeito da importância dos estudos da história e, especificamente os estudos sobre a história da Paraíba, mas fiquei muito feliz com o desempenho delas. Diante disso, consegui alcançar o objetivo proposto. A aula mais uma vez foi bem dialogada e expositiva. Usei como recursos didáticos a lousa, o computador e Xerox dos conteúdos e da atividade.

Durante todo o período de regência conversava bastante com as alunas, principalmente antes de iniciarmos as aulas. Elas procuravam saber se eu realmente pretendia seguir a carreira de professora, perguntava da minha vida pessoal, o porquê de eu ter escolhido o curso de história. Enfim, tivemos um ótimo relacionamento, tentei conquistar a confiança delas usando elementos que também considero importante para um bom relacionamento entre o professor e o aluno, a afetividade e a amorosidade. Na minha

concepção, além do domínio teórico e de uma prática bem elaborada, o professor deve demonstrar afeto aos seus alunos, a fim de contribuir para uma melhor aprendizagem.

Contudo, pensando a respeito da minha regência, diante da minha visão, acredito que ministrei boas aulas. Tentei adequar a minha metodologia diante da realidade da escola, levando em consideração um problema grave que vem ocorrendo, a evasão escolar, constando apenas seis alunas na sala durante minhas aulas e embora com poucos recursos, consegui envolver a turma, assim como também, o professor regente, que contribuiu bastante para a construção dos diálogos ocorridos nas aulas.

Ressalto a importância do uso de novas tecnologias nas aulas, sempre que possíveis. Pois, elas podem atrair a turma de uma maneira mais eficiente, tendo em vista a realidade social diante desses recursos.

É válido ainda justificar de maneira mais clara a respeito dos conteúdos usados durante a regência. Talvez eu tenha parecido contraditória nos discursos com relação, aos conteúdos tradicionais, porém, os conteúdos usados sobre a História da Paraíba, realmente são bem informativos e lineares, contudo, foi um pedido do professor regente. Mas acredito que o tradicionalismo não deve ser extinto radicalmente, pois devemos absorver o que é bom com relação ao tradicional. Contudo, a partir de um conteúdo com aspectos meramente informativos, podemos desenvolver diálogos com outros autores e outras percepções. Não tive a intenção de apenas reproduzir o que já é tradição diante das aulas sobre a História da Paraíba. Mas busquei usar os conteúdos propostos pelo professor regente, de uma maneira mais reflexiva e dialogada, a fim de provocar novos olhares sobre a História que eu estava contando e com isso conseguir de fato que a aprendizagem acontecesse.

No mais, foi uma experiência extremamente positiva para a minha vida e para a minha profissão. Pois, durante a regência aprendi muito com a turma e pude perceber de fato a complexidade da sala de aula, a diversidade dos alunos e a necessidade de um profissional sujeito a mudanças, reelaborando seus planos de aula sempre que necessário.

2.3 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO LOCAL NAS AULAS DE HISTÓRIA

O papel do professor torna-se cada vez mais complexo, diante das transformações que ocorrem no ensino e diante da problemática da educação atual.

Hoje se faz necessário um professor comprometido em colaborar com a qualidade social da escola. Compreendendo os diversos contextos que envolvem a sua profissão. É necessário o abandono do tradicionalismo, que ainda é presente na atualidade. O professor, deve se adequar e acompanhar a educação brasileira que segue articulada a chamada modernidade, para atender as necessidades exigidas pela sociedade atual.

Com relação ao nosso foco de trabalho, o ensino de História se limitava a uma visão considerada positivista e tradicional. A historiografia preocupava-se em ser objetiva, selecionar os fatos, enaltecer nomes e construir heróis. Sendo assim, o ensino de história brasileiro acompanhava essa visão a fim de construir a identidade nacional do aluno tornando-o um cidadão obediente à nação e sem poder de raciocínio crítico diante do que lhes era ensinado. Como se ele próprio não fizesse parte da história. Contudo, esse contexto vem mudando significativamente. Desde a década de 70 a historiografia vem mudando suas temáticas de estudo. E articulados a essas mudanças estão os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de história. Esses apresentam bem essa transição da história tradicional e nos faz perceber a aproximação com a nova história nas propostas voltadas para o ensino fundamental:

As propostas curriculares passaram a ser influenciadas pelo debate entre as diversas tendências historiográficas. Os historiadores voltaram-se para a abordagem de novas problemáticas e temáticas de estudo, sensibilizados por questões ligadas à história social, cultural e do cotidiano, sugerindo possibilidades de rever no ensino fundamental o formalismo da abordagem histórica tradicional. A história chamada “tradicional” sofreu diferentes contestações. Suas vertentes historiográficas de apoio, quer sejam o positivismo, o estruturalismo, o marxismo ortodoxo ou o historicismo, produtoras de grandes sínteses, constituidoras de macroobjetos, estruturas ou modos de produção, foram colocadas sob suspeição (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p. 24).

Através da Escola do Annales, com historiadores como Lucien Febvre e Marc Bloch foram propostas a ampliação dos conceitos de História e conseqüentemente a ampliação da pesquisa histórica. Hoje os fatos tendem a ser questionados e tudo passa a ser e ter História, até as pessoas comuns. Assim, com a democratização do Brasil, o ensino de história ganha também novas propostas. Os Parâmetros curriculares nacionais para o ensino de história hoje, propõe aproximar os alunos desse conhecimento histórico que eles aprendem na escola, facilitando sua compreensão do passado e possibilitando relacioná-lo com o presente diante da sua própria realidade. É claro que o professor ao ensinar um conteúdo que

não seja sobre a história local do aluno (a), deve montar estratégias que aproxime o conhecimento do aluno, fazendo com que a aprendizagem aconteça. Contudo, com referência ao tema sobre a história local, o (a) professor (a), poderá mais facilmente fazer com que o aluno entenda que ele pode tornar-se sujeito do seu conhecimento, dando a ele a capacidade de pensar os problemas da sociedade e assim construir sua própria identidade social.

O ensino de História pode desempenhar um papel importante na configuração da identidade, ao incorporar a reflexão sobre a atuação do indivíduo nas suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades, sua participação no coletivo e suas atitudes de compromisso com classes, grupos sociais, culturas, valores e conjunções do passado e do futuro (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999, p. 22).

Sendo assim, a abordagem sobre a História local foge de qualquer parâmetro tradicional, possibilita o raciocínio crítico do(a)aluno(a) referente ao seu próprio contexto sociocultural, e faz com que ele(a) entenda a construção das identidades dos sujeitos e os grupos sociais que envolvem determinado lugar.

Caberá ao professor de história, fazer com que a história local do seu aluno seja realmente compreendida como ponto de referência para o entendimento da história nacional e da história geral. Na perspectiva de Joana Neves, a história de um determinado lugar é um recorte de todo o conhecimento histórico, como se o conjunto de todas as histórias locais resultasse na história nacional de uma determinada nação: *“Cada local é sempre o recorte de uma realidade mais ampla que o contextualiza e aquilo que se entende por geral, é o somatório de realidades locais que se relacionam por meio de processos mais amplos e abrangentes”* (NEVES, 1997, p.22).

Seguindo essa interpretação e baseada nas propostas dos PCNS, torna-se necessário que o (a) professor (a) de história desenvolva uma metodologia que tenha como referência a realidade do seu aluno incentivando um pensamento crítico do próprio aluno em torno do seu contexto social e cultural.

Ainda sobre a importância do estudo local nas aulas de história, segundo Manique e Proença (1994, p.5),

Os estudos da história local desenvolvem nos alunos a capacidade de analisar criticamente o seu entorno escolar e social, ao mesmo tempo em que cumprem o papel de “facilitar a estruturação do pensamento histórico e de lhes fornecer um quadro de referências que os ajude a tomar consciência do

lugar que ocupam no processo de evolução espaço-temporal das comunidades local e nacional”.

Diante dessa discussão, é fundamental que seja ensinado aos alunos (as) de história, a história geral, por exemplo, a partir da própria história local de cada um deles. Isso é importante para que os alunos (as) sintam-se inseridos na história que a escola tenta ensinar. Contudo, o ensino da história local ainda deve superar o tradicionalismo muitas vezes imposto pelos livros didáticos, tendo em vista que esses recursos oferecem aos alunos (as) uma história pronta e acabada, mantendo-os longe do processo histórico. Diante dessa perspectiva, a historiadora Circe Bittencour (2004, p.121) afirma,

[...] que o ensino de História deve efetivamente superar a abordagem informativa, conteudista, tradicional, desinteressante e não significativa-para professores e alunos- e que uma das possibilidades para esta superação é sua problematização a partir do que está próximo, do que é familiar e natural aos alunos. Esse pressuposto é válido e aplicável desde os anos iniciais do ensino fundamental, quando é necessário haver uma abordagem e desenvolvimento importante das noções de tempo e espaço, juntamente com o início da problematização, da compreensão e explicação histórica e o contato com documento.

Diante dessas discussões sobre as novas tendências historiográficas e a importância do estudo do local nas aulas de história, certifico-me de que a experiência durante a minha regência foi bastante proveitosa, entretanto, foi apenas o ponto de partida. Pois, minha identidade docente sempre estará num processo contínuo em busca da construção do saber e de uma prática que se adeque às sociedades referentes a cada tempo e espaço. Isso permitirá uma conduta de vida profissional, enraizada na seriedade, responsabilidade e competência.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estágio foi uma experiência bastante prazerosa, significativa e essencial. Pois acrescentou de maneira grandiosa à minha formação como futura professora de História. Isso porque, a atividade de regência permite vivenciar contextos diferentes dos nossos e nos dar base para futuras atuações no campo profissional.

É importante que o professor nunca subestime os conhecimentos, que ele reconheça que não se pode valorizar a teoria em detrimento da prática nem fazer o inverso.

Ainda constatei a importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois a partir deles o professor poderá desenvolver uma prática pedagógica eficiente. Ao contrário do que muitos professores pensam os PCNS, não é uma receita e sim, uma referência que possibilita um melhor trabalho para o professor.

O professor, em especial de História, deve estar “atenado” as mudanças sociais, pois as discussões históricas estão em constante mudança. Assim com também a sociedade e conseqüentemente, os alunos, diante disso, a importância de uma formação docente contínua, renovada e comprometida realmente, com a educação.

Ao evidenciar a importância da história local nas aulas de história, pude perceber o novo cidadão que o ensino de história pretende construir, um cidadão crítico aos problemas que lhes são próximos, compreendendo os grupos sociais e culturais, sentindo-se sujeito de uma história que antes era tão longe de si. Hoje, a partir dessa perspectiva, os alunos de história não devem ser apenas informados dos fatos e datas. Eles podem e devem, incentivados pelo professor, questionar ou até mesmo duvidar da História que lhe foi repassada por muito tempo.

Por fim, estou certa da minha profissão. Certa de que quero fazer com que meus futuros alunos sintam-se sujeitos da sua própria história e ainda compreendam com amplitude as diferentes sociedades, compreendendo as diversidades e refletindo sobre as diversas identidades. Analisando diferentes contextos, não só políticos, mas também sociais.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. São Paulo. Cortez, 2004.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia/ Secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Acedido em 09 de novembro de 2012, em: <http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>.

CAIMI, Flávia Heloisa. Porque os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação dos professores de história. Acedido em: 10 de novembro de 2012, em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a03.pdf>.

História e Didática (Coleção como bem ensina), Petrópolis, Vozes, 2010.

MANIQUE, António P.; PROENÇA, Maria C. Didática da história. Patrimônio e história local. Lisboa: Texto Editora, 1994.

NEVES, Joana. “História local e construção da identidade social”. Saeculum - Revista de História, João Pessoa, Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais – ensino médio – parte IV - Brasília: MEC, 1999. Acedido em 09 de novembro de 2012, em:
<http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena: revisão técnica José CerchiFusari,
- Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Planos de aula

Centro Educacional Osmar de Aquino

Magistério 1º ano “E” Noite

História

Estagiária: Silvia Caroline Santos Medeiros

Plano de aula

4ª feira 17/10/2012

CONTEÚDOS:

- Tema: Uma desconstrução histórica dos preconceitos contra a Paraíba.

OBJETIVOS:

- Desconstruir os estereótipos preconceituosos em torno do estado paraibano.
- Conhecer a turma compreendendo seus pensamentos em torno do lugar que eles vivem.

- Discutir sobre as belezas naturais e culturais que formam o estado da Paraíba.
- Diagnosticar os conhecimentos da turma com relação ao tema proposto.

METODOLOGIA:

- Aula expositiva e dialogada;
- Conversa informal;
- Leitura de texto;

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Lousa;
- Lápis;
- Computador portátil;
- Xerox;

REFERÊNCIAS:

Conteúdos disponíveis em: peixecg@zaz.com.br

Centro Educacional Osmar de Aquino

Magistério 1º ano “E” Noite

História

Estagiária: Silvia Caroline Santos Medeiros

Plano de aula

4ª feira 24/10/2012

CONTEÚDOS:

- A Origem da Paraíba
- O povoado de Nossa Senhora das Neves

OBJETIVOS:

- Compreender a origem da Paraíba e seus respectivos nomes;
- Aproximar os alunos ao conhecimento histórico relacionado o passado do estado paraibano com a realidade dos alunos (as).

METODOLOGIA:

- Aula explicativa e dialogada.
- Leitura dos conteúdos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Lousa;
- Xerox dos conteúdos;

REFERÊNCIAS:

Conteúdos disponíveis em: peixecg@zaz.com.br

Centro Educacional Osmar de Aquino

Magistério 1º ano “E” Noite

História

Estagiária: Silvia Caroline Santos Medeiros

Plano de aula

4ª feira 07/11/2012

CONTEÚDOS:

- Os primeiros Capitães-mores;
- As ordens Religiosas;
- A população indígena;

OBJETIVOS:

- Conhecer os primeiros capitães-mores e como era governada a capitania da Paraíba;
- Compreender a vinda das diversas ordens religiosas durante a colonização;
- Conhecer os índios que habitavam a Paraíba e resistem até hoje cultivando sua cultura e lutando pela sua preservação.

METODOLOGIA:

- Aula dialogada e expositiva;
- Conversa informal;
- Leitura dos conteúdos
- Atividade de reflexão.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Lousa;
- Xerox dos conteúdos;
- Xerox com atividade;
- Leitura dos conteúdos;
- Computador portátil.

REFERÊNCIAS:

Conteúdos disponíveis em: peixecg@zaz.com.br

NEVES, Joana. “História local e construção da identidade social”. Saeculum - Revista de História, João Pessoa, Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997.

APÊNDICE B – Atividades desenvolvidas pelo estagiário (a)

Centro Educacional Osmar de Aquino

1º ano / Magistério – noite Data: 07/11/2012

Estagiária: Silvia Caroline Santos Medeiros

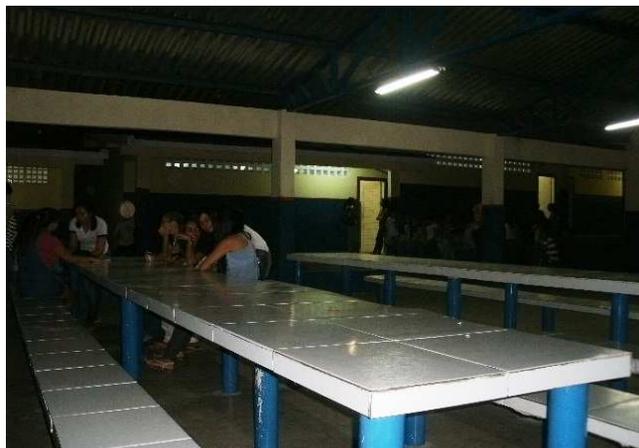
Refleta e responda:

“[...] A história de onde se vive e se atua é, a um só tempo, a história de quem a faz e sente diretamente é o único ponto de referência possível para a compreensão das histórias mais distantes: de outros locais, ou da chamada história geral [...]” (NEVES, 1997, p. 25).

A partir dessa citação e diante das nossas aulas sobre a história da Paraíba, desenvolva um pequeno texto sobre a importância de estudar a história da Paraíba para você.

APÊNDICE C – Foto da escola e da regência

Fotos próprias:





ANEXOS

ANEXO A – Conteúdos das aulas

História da Paraíba: Primórdios da História da Paraíba

Conteúdos disponíveis em: peixecg@zaz.com.br

Apossado o Brasil pelo estado português, as terras hoje paraibanas foram nas primeiras décadas do século XV afluídas por elementos interessados no comércio de pau-brasil. Em 1534, constatou a metrópole que somente o povoamento e colonização de seus domínios americanos lhes dariam rendimentos e evitariam a perda dessas posses territoriais para outras potências europeias. Portugal então implanta a sua primeira política territorial na América, instituindo o sistema de capitanias hereditárias.

Do rio Santa Cruz (Igarapé/hoje PE) até a baía da traição, recortou-se a capitania de Itamaracá, doada a Pero Lopes de Souza. Entram 1537, quando o donatário tomou posse, e a década de 70, quando verdadeiramente se inicia a real conquista da Paraíba, o território teve vários administradores, mas permaneceu uma área pouco cuidada por parte da metrópole, sendo constantes os confrontos entre a população nativa (Potiguaras, no litoral sul) e os portugueses ali instalados. Essa situação de abandono facilitava o hominização de elementos infratores, fugidos da vizinha capitania de Pernambuco, ensejando instabilidade e insegurança e ameaçando o projeto de colonização, que nessa última capitania em desenvolvimento com boas perspectivas.

Razão pela qual o território foi desmembrado de Itamaracá, com a criação da capitania real da Paraíba por decreto-lei em 1574, redefinindo seus limites ao sul pelo rio Abiaí e mantendo-se os seus limites ao norte nas cercarias da Baía da Traição. Foram necessários onze anos e inúmeras expedições irradiadas a partir do governo geral instalado na Bahia, até que se incorporasse o território paraibano à coroa lusa, com a fundação em 1585 da cidade de Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa. A conquista foi sangrenta devido à resistência oferecida pelos indígenas, notavelmente oferecida pelos Potiguaras, articulados com os franceses que frequentavam a costa paraibana traficando pau-brasil, madeira na qual o território tinha em abundância. (GODOY, Estrutura de poder na Paraíba, p.19/20)

Origens da Paraíba

A vinculação paraibana a Itamaracá, data de 1534, a partir da instituição Portuguesa do sistema de capitanias hereditárias. Esse tempo de colonização por Portugal se deu de forma muito difícil, além de se defrontar com uma quantidade de terra imensa, depararam-se com a resistência indígena e a incomoda presença dos Franceses que estavam em nossa costa traficando pau- brasil.

A história da Paraíba esteve bastante vinculada a Pernambuco e Itamaracá, ela principiou no vale do rio Tracunhaém, que pertencia a Itamaracá, onde hoje esta localizada a cidade de Goiana em Pernambuco. Deu-se por ali em 1574: A filha de um cacique potiguara chamado Iniguaçu (Relatos contam que a filha do cacique potiguara era dotada de beleza incandescente e tinha apenas quinze anos de idade) transitava livremente pela região, quando foi capturada e arrebatada por um mameluco da Serra da Copaoba. A beleza da índia fascinou o proprietário de engenho Diogo Dias (proprietário de um engenho da região) que decidiu ficar com a jovem e interessante indiazinha.

Em contrapartida, os indígenas potiguaras insuflados pelos franceses caíram sobre o engenho de Diogo Dias massacrando todos seus habitantes com a exceção de irmão de Diogo, porém o massacre não ocorreu apenas no engenho de Dias, ele se estendeu por todos os engenhos da região... Estima-se que morreram mais de 600 pessoas no Vale do Tracunhaém. O pânico tomou conta das autoridades de portuguesas que estavam em Olinda, receosas que as manifestações se estendessem a Pernambuco, foi criada a Capitania Real da Paraíba, com o interesse de conter as revoltas silvícolas do seu próprio território. Além do motivo citado, era de interesse dos portugueses povoar o Norte do Nordeste, superando o obstáculo existente na Paraíba, tanto é que após a Real Ocupação da Paraíba em 1585, logo seriam ocupados o Rio Grande do Norte em 1598 e posteriormente o Ceará em 1612.

Entre a criação da capitania em 1574, e sua real ocupação em 1585, passaram-se onze anos de tentativas sem êxito. Primeiramente com Fernão Silva, em 1575, essa que foi tão valentemente rechaçada pela indiada que seus integrantes fugiram pela costa em direção a Itamaracá, donde dirigir-se-iam rumo a Bahia, sede do governo geral. Posteriormente em uma segunda tentativa em 1579 também mal lograda com o comando de João Tavares (que posteriormente voltaria em 1585 com campanha vitoriosa). Porém em sua ofensiva de 1579, João acabou por voltar fugindo para Olinda. Em uma terceira tentativa em 1580/82, verificou-se a presença de Frutuoso Barbosa (Comerciante Português), ganhador do título de capitão mor e foral, para usufruto da terra. Barbosa iniciou sua ofensiva em 1580, porém teve seus

barcos dispersados por tempestades e dessa forma não conseguiu chegar a Paraíba, depois conseguiria chegar ao território de combate em 1582, onde como primeira ação, erigiu um pequeno fortim na olha da restinga, próximo a embocadura do Paraíba. Os índios, porém não se renderam invadiram o fortim de Frutuoso Barbosa e os expulsaram da capitania, no campo de lua Frutuoso Barbosa deixou morto um filho legítimo.

Em 1584, as lutas pela Paraíba registraram a participação dos espanhóis devido a União Ibérica. Entre esses é imprescindível citar os nomes de do almirante Diogo Flores e do Alcaide Francisco Castejon. Diogo Flores comandou a armada que veio combater os franceses no mar e fechar a embocadura do rio Paraíba, Castejon encarregou-se do comando de baluarte, erguido nas proximidades do estuário do rio da guia, afluente do Paraíba. O fortim, batizado de São Felipe e São Thiago, ensejou a denominação de Forte Velho para localidade, hoje convertida a centro de turismo. Porém não foi nesse momento que a resistência indígena seria findada, (O forte foi erigido em local inadequado e se viu cercado em campo aberto pelos potiguaras) as desavenças entre o português Frutuoso Barbosa e Francisco Castejon se acentuaram chegando ao ponto de se tornar insustentável. Castejon botou fogo no forte e jogou sua artilharia ao mar, fugindo para Olinda, onde foi preso e julgado por Martim Leitão.

Finalmente em 1585, iniciar-se-ia a real ocupação da Paraíba, Martim Leitão organizou a expedição para conquista, chefiada militarmente por João Tavares, que partiu de Olinda com uma caravana com aproximadamente 1000 homens a cavalo e a pé, entre escravos, índios e soldados. É importantíssimo salientar que essa expedição só voltou vitoriosa devido a divisão do campo indígena.

Grupos Indígenas no Litoral

· TABAJARAS - Os tabajaras vieram chefiados pelo cacique Piragibe (braço/espinha de peixe), viviam na Bahia, margeando o Rio São Francisco e seus afluentes, onde auxiliaram os portugueses em algumas ofensivas, foram vítimas da cilada de reinós, ao que fugindo alcançaram os afluentes do rio Paraíba na altura da cidade de Monteiro, a partir desse momento desceram a Paraíba rumo ao litoral onde acabaram por formar uma aliança com os portugueses contra os nativos da terra, os potiguaras.

· POTIGUARAS - A tribo indígena dos potiguaras eram os verdadeiros nativos da terra, vale a pena ressaltar, eles eram completamente contra o domínio dos colonizadores, foram responsáveis pelo massacre do Tracunhaém e principalmente pela resistência oferecida entre a criação da capitania real da Paraíba (1574) e sua real ocupação em 1585.

Como acima descrito, a expedição comandada militarmente por João Tavares só conseguiu êxito devido a divisão do campo indígena. Novamente viria a tona o pensamento de “Dividir para reinar”, Os colonizadores se utilizaram das diferenças étnicas entre as tribos nativas para as jogar umas contra as outras, tal acontecimento não ocorrerá apenas uma vez na história da Paraíba, no decorrer de nossos estudos encontraremos novamente a confirmação desse pensamento imperialista.

A verdade é que os portugueses não conseguiriam a real ocupação da Paraíba sem a ajuda da tribo indígena Tabajara, essa que mercenariamente se vendeu aos portugueses aceitando sua dominação e passaram a lutar contra seus irmãos potiguaras. Os potiguaras consideravam os Tabajaras Panema, ou seja, fracos, mas, coube a João Tavares se utilizar da “fraqueza” tabajara contra a resistência potiguara. O resultado dessa aliança entre portugueses e tabajaras, resultou no início da ocupação real da Paraíba, com os valentes potiguaras sendo derrotados. O principal responsável por essa tarefa foi Feliciano Coelho de Carvalho, capitão mor da Paraíba (1592/1600), junto a proprietários como Diogo Gomes da Silveira e dos próprios tabajaras. Na zona hoje ocupada pelos municípios de Caiçara, Serra Raiz, Pirituba, Duas estradas, Belém, a violência funcionou em níveis elevadíssimos embora resistissem sobre a liderança dos caciques Pão-Seco e Zorobabé, muitos migraram para o Rio Grande do Norte, daí a denominação de “terra Potiguar” no contato com os colonizadores milhares de índios foram dizimados por doenças trazidas pelos homens brancos... Essas como: Varíola, Sarampo, Bexiga e Sífilis.

A organização social dos potiguaras fundamentava-se na propriedade comunal de terras, da qual faziam a sua bebida fermentada, o cauim, farinha, milho, feijão, inhame, batata. Utilizava-se da coivara (queimada).

Faziam a antropofagia (sacrificavam seus inimigos), porém não praticavam canibalismo, acreditava em um deus criador de todas as coisas, o paidzu. Aceitavam a gerontocracia (autoridade dos mais velhos), tinham uma família matrilinear (descendência estabelecida pela mulher).

Em 1599, Feliciano coelho impôs a paz pela força aos potiguaras. Bem parecido com o que ocorreu com os tabajaras, esses índios ficaram agrupados em aldeias militarmente fiscalizadas pela coroa, com o andar da carruagem da história esses índios perderiam pouco a pouco a sua identidade cultural. ATUALMENTE, na Baía da Traição foi iniciado um projeto que tenta resgatar a cultura indígena dos descendentes dos bravos potiguaras, esta sendo feito um projeto que coloca alunos em sala de aula para aprender o Tupi Guarani, língua original dos indígenas aqui estabelecidos.

Povoado de Nossa Senhora das Neves

Por escolha de Martim Leitão e, João Tavares e Frutuoso Barbosa que percorreram a planície situada entre o oceano Atlântico e o Rio Paraíba, a nova cidade foi edificada a partir de quatro de novembro de 1585 na parte mais alta da colina, a reduzida distancia do rio intitulada de Povoado de Nossa Senhora das Neves, posteriormente essa denominação foi alterada para Cidade de Nossa Senhora das Neves, depois Filipéia de Nossa Senhora das Neves, durante o domínio Holandês, Frederica de Nossa Senhora das Neves, quando acaba o domínio Holandês Filipéia de Nossa senhora das Neves e por fim em 1930 João Pessoa em homenagem ao presidente assassinado.

A localização da cidade situada na parte mais alta da colina visava assegurar-lhe a defesa e a próxima localização do rio possibilitaria, através desse a exportação de produtos que viriam a ser elaborados ou encontrados. (âmbar, madeiras, algodão) a capitania integraria o sistema econômico mercantilista, sua capital por tratar-se de sede da capitania real desconheceu o estágio de vila, já nascendo como cidade.

A elevada quantidade de água, pedra e cal favoreceram as primeiras edificações, quase todas religiosas: a capela de Nossa Senhora das Neves, Igreja Barroca de São Francisco, Mosteiro de são Bento, Igreja/Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Em sua história a capital da Paraíba, recebe várias intitulações diferentes, cada uma dessa é decorrente de acontecimentos históricos em que a capital estava inserida. Conheça a sua sequência de denominações:

· Povoado de Nossa senhora das Neves, encontrava-se a formação da cidade com um contingente de pessoas relativa mente pequeno.

· Cidade de Nossa Senhora das Neves, a quantidade de pessoas que havia na cidade em seus primórdios havia aumentado.

· Filipéia de Nossa senhora das Neves Decorrente da união Ibérica, onde a denominação Filipéia se deu em homenagem a Felipe II.

· Frederica de Nossa Senhora das Neves Decorrente do domínio holandês, onde a denominação Frederica se deu em homenagem ao príncipe Frederico da casa de Orange.

· Filipéia de Nossa Senhora das Neves Ocorre no momento que é findado o Domínio holandês na Paraíba, onde após a expulsão dos holandeses na Paraíba a cidade volta a se chamar Filipéia de N. S. das Neves.

· João Pessoa É decorrente do assassinato do ex-presidente da Paraíba João Pessoa, tal assassinato influencia fortemente a revolução de 1930.

História da Paraíba:

2.1. Primeiros Capitães - Mores

João Tavares

João Tavares foi o primeiro capitão-mor, ao qual governou de 1585 a 1588 a Capitania da Paraíba. João Tavares foi encarregado pelo Ouvidor-Geral, Martim Leitão, de construir uma nova cidade. Para edificação dessa cidade, vieram 25 cavaleiros, além de pedreiros e carpinteiros, entre outros trabalhadores do gênero. Chegaram também jesuítas e outras pessoas para residir na cidade. Foi fundado por João Tavares o primeiro engenho, o d'El-Rei, em Tibiri, e o forte de São Sebastião, construído por Martim Leitão para a proteção do engenho.

Os jesuítas ficaram responsáveis pela catequização dos índios. Eles ainda fundaram um Centro de Catequese e em Passeio Geral edificaram a capela de São Gonçalo.

O governo de João Tavares foi demasiadamente auxiliado por Duarte Gomes da Silveira, natural de Olinda. Silveira foi um senhor de engenho e uma grande figura da Capitania da Paraíba durante mais de 50 anos. Rico, ajudou financeiramente na ascensão da cidade. Em sua residência atualmente se encontra o Colégio Nossa Senhora das Neves.

Apesar de ter se esforçado muito para o progresso da capitania, João Tavares foi posto para fora em 1588, devido à política do Rei.

Frutuoso Barbosa

Devido à grande insistência perante a corte e por defender alguns direitos, Frutuoso Barbosa foi, em 1588, nomeado o novo capitão-mor da Capitania da Paraíba, auxiliado por D. Pedro Cueva, ao qual foi encarregado de controlar a parte militar da capitania.

Neste mesmo período, chegaram alguns Frades Franciscanos, que fundaram várias aldeias e por não serem tão rigorosos no ensino religioso como os Jesuítas, entraram em desentendimento com estes últimos. Esse desentendimento prejudicou o governo de Barbosa, pois se aproveitando de alguns descuidos, os índios Potiguaras invadiram propriedades. Veio em auxílio de Barbosa o capitão-mor de Itamaracá, com João Tavares, Piragibe e seus índios. No caminho, João Tavares faleceu de um mal súbito. Quando o restante do grupo chegou à Paraíba, desalojou e prendeu os Potiguaras.

Com o objetivo de evitar a entrada dos franceses, Barbosa ordenou a construção de uma fortaleza em Cabedelo.

Piragibe iniciou a construção do forte com os Tabajaras, porém, devido a interferência dos Jesuítas, as obras foram concluídas pelos franciscanos e seus homens.

Em homenagem a Felipe II, da Espanha, Barbosa mudou o nome da cidade de Nossa Senhora das Neves para Filipéia de Nossa Senhora das Neves. Devido às infinitas lutas entre o capitão Pedro Cueva e os Potiguaras e os desentendimentos

com os Jesuítas, houve a saída da Cueva e a decisão de Barbosa de encerrar o seu governo, em 1591.

André de Albuquerque Maranhão

André de Albuquerque governou apenas por um ano. Nele, expulsou os Potiguaras e realizou algumas fortificações. Entre elas, a construção do Forte de Inhobin para defender alguns engenhos próximos a este rio.

Ainda nesse governo os Potiguaras incendiaram o Forte de Cabedelo. O governo de Albuquerque se finalizou em 1592.

Feliciano Coelho de Carvalho

Em seu governo realizou combates na Capaoba, houve paz com os índios, expandiu estradas e expulsou os franciscanos. Terminou seu governo em 1600.

História da Paraíba:

2.2. As Ordens Religiosas da Capitania e seus Mosteiros

Os Jesuítas

Os jesuítas foram os primeiros missionários que chegaram à Capitania da Paraíba, acompanhando todas as suas lutas de colonização.

Ao mando de Frutuoso Barbosa, os jesuítas se puseram a construir um colégio na Filipéia. Porém, devido a desavenças com os franciscanos, que não usavam métodos de educação tão rígidos como os jesuítas, a ideia foi interrompida. Aproveitando esses desentendimentos, o rei que andava descontente com os jesuítas pelo fato de estes não permitirem a escravização dos índios, culpou os jesuítas pela rivalidade com os franciscanos e expulsou-os da capitania.

Cento e quinze anos depois, os jesuítas voltaram à Paraíba fundando um colégio onde ensinavam latim, filosofia e letras. Passado algum tempo, fundaram um Seminário junto à igreja de Nossa Senhora da Conceição. Atualmente essa área corresponde ao jardim Palácio do Governo.

Em 1728, os jesuítas foram novamente expulsos. Em 1773, o Ouvidor-Geral passou a residir no seminário onde moravam os jesuítas, com a permissão do Papa Clementino XIV.

Os Franciscanos

Atendendo a, Frutuoso Barbosa, chegaram os padres franciscanos, com o objetivo de catequizar os índios. Frei Antônio do Campo Maior chegou com o objetivo de fundar o primeiro convento da capitania. Seu trabalho se concentrou em várias aldeias, o que o tornou importante.

No governo de Feliciano Coelho, começaram alguns desentendimentos, pois os franciscanos, assim como os jesuítas, não escravizavam os índios. Ocorreu que depois de certos desentendimentos entre os franciscanos, Feliciano e o governador geral, Feliciano acabou se acomodando junto aos frades.

A igreja e o convento dos franciscanos foram construídos em um sítio muito grande, onde atualmente se encontra a Praça São Francisco.

Os Beneditinos

O superior geral dos beneditinos tinha interesse em fundar um convento na Capitania da Paraíba. O governador da capitania recebeu o abade e conversou com o mesmo sobre a tal fundação. Resolveu doar um sítio, que seria a ordem do superior geral dos beneditinos.

A condição imposta pelo governador era que o convento fosse construído em até dois anos. O mosteiro não foi construído em dois anos, mesmo assim, Feliciano manteve a doação do sítio.

A igreja de São Bento se encontra atualmente na rua nove, onde ainda há um cata-vento em lâmina, construído em 1753.

Os Missionários Carmelitas

Os carmelitas vieram à Paraíba a pedido do cardeal D. Henrique, em 1580. Mas devido a um incidente na chegada que colheu os missionários para diferentes direções, a vinda dos carmelitas demorou oito anos.

Os carmelitas chegaram à Paraíba quando o Brasil estava sob domínio espanhol. Os carmelitas chegaram, fundaram um convento e iniciaram trabalhos missionários. A história dos carmelitas aqui é incompleta, uma vez que vários documentos históricos foram perdidos nas invasões holandesas.

Frei Manuel de Santa Teresa restaurou o convento depois da revolução francesa, mas logo depois este foi demolido para servir de residência ao primeiro bispo da Paraíba, D. Adauto de Miranda Henriques. Pelos carmelitas foi fundada a Igreja do Carmo.

História da Paraíba:

2.3. A População Indígena

Na Paraíba havia duas raças de índios, os Tupis e os Cariris (também chamados de Tapuias). Os Tupis se dividiam em Tabajaras e Potiguaras, que eram inimigos.

Na época da fundação da Paraíba, os Tabajaras formavam um grupo de aproximadamente 5 mil pessoas. Eles eram pacíficos e ocupavam o litoral, onde fundaram as aldeias de Alhandra e Taquara.

Já os Potiguaras eram mais numerosos que os Tabajaras e ocupavam uma pequena região entre o rio Grande do Norte e a Paraíba.

Esses índios locomoviam-se constantemente, deixando aldeias para trás e formando outras. Com esta constante locomoção os índios ocuparam áreas antes desabitadas.

Os índios Cariris se encontravam em maior número que os Tupis e ocupavam uma área que se estendia desde o Planalto da Borborema até os limites do Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Os Cariris eram índios que se diziam ter vindo de um grande lago. Estudiosos acreditam que eles tenham vindo do Amazonas ou da Lagoa Maracaibo, na Venezuela.

Os Cariris velhos, que teriam sido civilizados antes dos cariris novos, se dividiam em muitas tribos; sucuru, icós, ariu e pegas, e paiacú. Destas os tapuias pegas ficaram conhecidos nas lutas contra os bandeirantes.

O nível de civilização do índio paraibano era considerável. Muitos sabiam ler e conheciam ofícios como a carpintaria. Esses índios tratavam bem os jesuítas e os missionários que lhes davam atenção.

As maiorias dos índios estavam de passagem do período paleolítico para o neolítico. A língua falada por eles era o tupi-guarani, utilizada também pelos colonos na comunicação com os índios. O tupi-guarani mereceu até a criação de uma gramática, elaborada por Padre José de Anchieta.

Piragibe, que nos deu a paz na conquista da Paraíba; Tabira, que lutou contra os franceses e Poti, que lutou contra os holandeses e foi herói na batalha dos Guararapes, são exemplos de índios que se sobressaíram na Paraíba.

Ainda hoje, encontram-se tribos indígenas Potiguaras localizadas na Baía da Traição, mas em apenas uma aldeia, a São Francisco, onde não há miscigenados, pois a tribo não aceita a presença de caboclos, termo que eles utilizavam para com as pessoas que não pertencem a tribo.

O Cacique dessa aldeia chama-se Djalma Domingos, que também é o prefeito do município de Baía da Traição. Aos poucos, a aldeia vai se civilizando; um exemplo disso é um posto telefônico implantado na mesma há um mês.

Nessas aldeias existem cerca de 7.000 índios Potiguaras, que mantêm as culturas antigas. Eles possuem cerca de 1.800 alunos de 7 a 14 anos em primeiro grau menor.

No Brasil, só existem três tribos Potiguaras, sendo que no Nordeste a única é a da Baía da Traição. Em 19 de Abril eles comemoraram seu dia fazendo pinturas no corpo e reunindo as aldeias locais na aldeia S. Chico e realizaram danças, como o Toré.

A principal atividade econômica desses índios é a pesca e em menor escala, a agricultura.

ANEXO B – Imagens exibidas nas aulas

Imagens exibidas na primeira aula - 17/10/2012

Pontos turísticos paraibanos



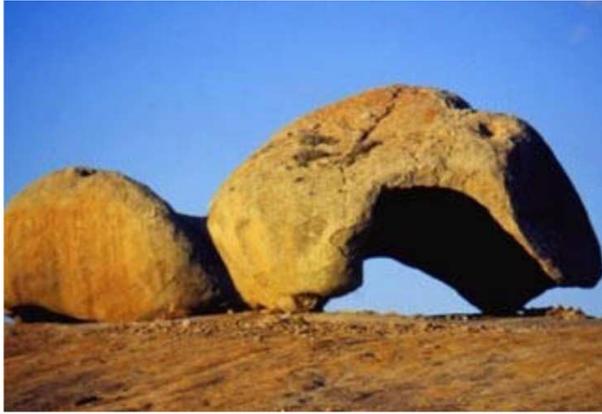
Fonte: www.mussulobymantra.com.br, em: 11/10/2012

Parque dos dinossauros em Sousa



Fonte: www.brejo.com, em: 11/10/2012

Areia no brejo paraibano



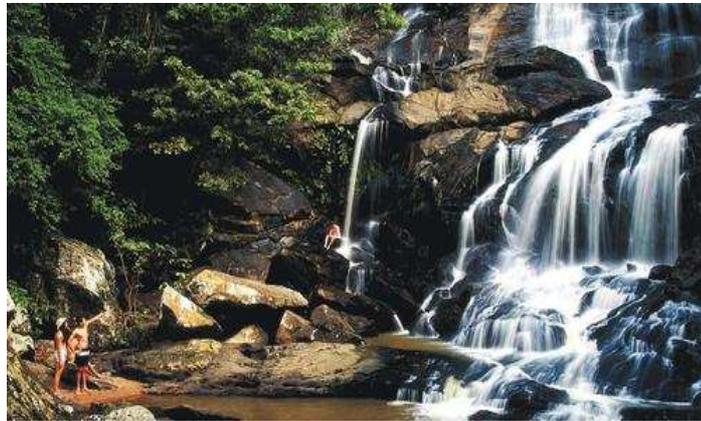
Lajedo de Pai Mateus em Cabaceiras



Alagoa Grande: de Jackson do Pandeiro

Fonte: wscm.com.br, em: 11/10/2012

Fonte: paraibatotal.com.br, em: 11/10/2012.



Fonte: trajjetus.com.br, em: 11/10/2012

Cachoeira do Roncador em Borborema



Fonte: noticias.bol.uol.com.br, em: 11/10/2012

Campina Grande: O maior São João do mundo



Fonte: cariricangaco.blogspot.comem: 11/10/2012

Boqueirão; cidade das águas.

IMAGEM DO SERTÃO PARAÍBANO



POR: T. zambelli

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/27497827@N07/3586835979/>

Imagem exibida na terceira aula – 07/11/1012



Fonte: <https://brejo.com/2011/04/18/indios-da-baia-da-traicao-lancam-livro-%E2%80%9CIndios-na-visao-dos-indios-potiguaras%E2%80%9D/>